

# OS AMONÓIDES DA COLEÇÃO DE PALEOINVERTEBRADOS DO MUSEU NACIONAL/UFRJ PROVENIENTES DA FORMAÇÃO SANTA MARTA, ILHA JAMES ROSS, ANTÁRTIDA

Videira-Santos, R.<sup>1,2</sup>; Scheffler, S.M.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Museu Nacional/UFRJ; <sup>2</sup>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**RESUMO:** Os amonóides formaram um grupo de moluscos marinhos, pertencentes à classe dos cefalópodes, que surgiu no Devoniano e se extinguiu no final do Cretáceo. Possuíam uma concha externa dividida em câmaras e são muito bem representados no registro fóssilífero. Os amonóides, que viveram durante o Cretáceo, possuem como característica marcante uma linha de sutura (linha formada pela interseção dos septos com o interior da concha) extremamente complexa e uma variação muito grande na forma e ornamentação de suas conchas. Devido a sua vasta ocorrência geográfica, fácil reconhecimento e sua rápida evolução, estes organismos são considerados ótimos fósseis-guias, sendo muito utilizados nos estudos bioestratigráficos e de reconstrução paleoambiental. Na Antártida há grande ocorrência de fósseis de amonóides e a primeira grande descrição dos espécimes remonta ao início do século XX. Desde então a região vem sendo estudada por paleontólogos de todo o mundo, principalmente argentinos e britânicos. Contudo, apesar da relativa proximidade geográfica, pesquisas brasileiras envolvendo o tema ainda são escassas. O objetivo do presente trabalho foi descrever taxonomicamente os amonóides da coleção de Paleoinvertebrados do Museu Nacional/UFRJ, coletados em 2007, durante a expedição do Departamento de Geologia e Paleontologia à Ilha James Ross, Antártida. A maioria dos fósseis é proveniente da Formação Santa Marta (Santoniano - Campaniano) que é constituída por arenitos, siltitos, argilitos, conglomerados e tufos vulcânicos. A coleção possui cerca de 500 exemplares de invertebrados, sendo 79 de amonóides, uma parte considerável apresentando um bom estado de preservação. Foi possível identificar os gêneros *Vertebrites*, *Tetragonites*, *Pachydiscus*, *Diplomoceras*, *Ryugasella* e *Baculites*, além dos subgêneros *Kossmaticeras* (*Natalites*), *Kossmaticeras* (*Karapadites*) e das espécies *Gunnarites antarcticus*, *Maorites densicostatus* e *Pseudopyllites aff. latus*, esta última sendo pela primeira vez registrada na Formação Santa Marta. Todos estes espécimes teriam vivido durante o Cretáceo Superior, mais especificamente no intervalo entre o Santoniano e o Campaniano, o que corrobora a idade da Formação Santa Marta, sugerida em trabalhos anteriores. Foi notado também certo predomínio de exemplares da família Kossmaticeratinae, este grupo teria surgido durante o Turoniano, na Índia, e desenvolveu um forte grau de endemismo na Nova Zelândia, Nova Caledônia, Patagônia e Antártida durante o Cretáceo Superior. Acredita-se que, neste período, as águas na região da atual Antártida começaram a se resfriar e os amonóides da família Kossmaticeratinae eram mais adaptados a essas novas condições. A fauna de amonóides da Ilha James Ross é muito rica, apenas na coleção do Museu Nacional há diversos exemplares de três, das quatro subordens, que viveram durante o Cretáceo (Lytocerotina, Ammonitina e Ancylocerotina). Apesar de que durante a expedição se tenha coletado fósseis de invertebrados de diversas formações, como a Hidden Lake e Whisky Bay, todos os amonóides no presente estudo são provenientes da Formação Santa Marta. A abundância dos fósseis de amonóides nesta formação provavelmente tem relação com o ambiente de sedimentação (plataforma marinha rasa com águas relativamente calmas), propício para a fossilização.

**PALAVRAS-CHAVE:** AMONÓIDES; ANTÁRTIDA